

## AAD-69 - O MARCO HISTÓRICO DE UM DISCURSO FUNDADOR

Freda Indursky\*  
UFRGS

**Resumo:** *No ano em que a Análise Automática do Discurso, de Michel Pêcheux, completa cinquenta anos, foi de fundamental importância examinar o modo como o autor produziu essa obra fundadora que estabeleceu um novo objeto de análise no campo dos Estudos da Linguagem. Este artigo vai acompanhar o duplo movimento teórico empreendido por Pêcheux: por um lado, demarcar seu objeto dos demais objetos que compõem a área e, por outro, formular e teorizar o novo objeto de análise - o discurso.*

**Abstract:** *On the year the work Automatic Discourse Analysis (1969) by Michel Pêcheux completes fifty years, it is of utmost importance to examine the way the author produced this foundational text that established a new object of analysis in the field of Language Studies. This article will follow the double theoretical movement conceived by Pêcheux: on the one hand, to establish the demarcation line of his object in relation to the other objects that comprise the field and, on the other, to formulate and theorize the new object – discourse.*

*É o ponto de vista que cria o objeto.  
Ferdinand de Saussure, 1916  
É impossível analisar um discurso como um texto,  
isto é, como uma sequência linguística  
fechada sobre si mesma.  
[...]*

*Discurso é efeito de sentido entre interlocutores.  
Michel Pêcheux, 1969.*

### 1. O cenário intelectual dos anos 60, na França

Era o ano de 1969. Ano em que veio a público o livro *Análise automática do discurso* de Michel Pêcheux, o qual se constituiu em



um marco histórico, pois agitou profundamente os saberes inscritos na área dos Estudos Linguísticos, o chamado núcleo duro dessa área, dedicado ao estudo da língua *stricto sensu*, isto é, uma língua dotada de homogeneidade. Por conseguinte, é preciso fazer trabalhar o que significou essa agitação nas redes de memória desse campo de conhecimento.

Por outro lado, e contrapondo-se ao núcleo duro, havia igualmente o campo dos *Estudos da Linguagem*, compartilhado por vertentes teóricas bastante diversificadas entre si, tais como Teoria da Enunciação, Pragmática, Linguística Textual, Semiótica, Sociolinguística, *etc.* Áreas que se dedicam a estudar a *linguagem*, mas que são bastante diferentes entre si, em função de seus pressupostos teóricos, seus objetos de estudo e suas concepções de língua. Por conseguinte, este campo de conhecimento, embora trabalhe com a linguagem, não compartilha um conjunto uniforme de princípios nem de procedimentos. Ao contrário, trata-se de um campo fortemente heterogêneo, no interior do qual não se recorta um objeto único, mas vários objetos não-coincidentes, embora todos reivindicuem a língua como objeto de análise de seu interesse. Esse campo tem em comum o fato de reconhecer que a homogeneidade da língua é uma ficção e, por conseguinte, aceitar o risco de desafiar o estatuto de sua cientificidade ao ultrapassar os estritos limites da língua tal como formulada por Saussure. Trata-se de um campo heterogêneo por excelência. E é nele que a Análise do Discurso viria a se integrar.

Acrescente-se a esse cenário específico, o fato de que os anos 60 foram um período de efervescência teórica extraordinária no campo das Ciências Sociais e Humanas, com grande produção em Filosofia, Psicanálise, Linguística, Marxismo, Sociologia, Ciências Políticas, *etc.*

Foi nesse caldeirão de cultura que o teórico e militante Michel Pêcheux foi formado e sua obra inaugural, a AAD-69, veio à luz, produzindo muita perturbação nesses dois núcleos dedicados à reflexão linguística.

## **2. A conjuntura política dos anos 60, na França**

Paralelamente ao cenário intelectual, faz-se necessário observar a conjuntura em que a ADD-69 foi publicada, pois este livro fundador

veio a público no contexto sócio-histórico e político da década de 60, na França, um ano após as agitações político-culturais de Maio de 1968. Ou seja, sua produção - reflexão e escrita - deu-se no contexto político francês dos anos 60, marcados pelas agitações universitárias e sindicais que culminaram com as Jornadas de Maio de 1968. Aquelas manifestações refletiram os intensos debates em torno do Governo de Charles de Gaulle. Na política externa, a França enfrentou a Guerra da Argélia, que culminou com a Independência daquela colônia e dividiu profundamente os franceses, dentro e fora da França. Na política interna, a França vivia uma forte efervescência no âmbito das esquerdas que queriam mais liberdades: *Il est interdit d'interdire* foi uma das principais palavras de ordem ditas em manifestações, panfletadas e pichadas pelos muros de Paris.

Imerso nesse contexto histórico, político e teórico, Pêcheux produziu sua tese, sob a orientação de Louis Althusser, a qual, posteriormente, foi publicada com o título de *Análise Automática do Discurso*, também conhecida como AAD-69, marco teórico que sinaliza o surgimento de um *novo objeto de estudo - o discurso*.

Diria, pois, que a AAD-69 foi, por um lado, uma reação teórico-política à conjuntura daqueles anos e uma resposta à Linguística hegemônica estabelecida e tomada como modelo pelas Ciências Humanas e Sociais, por outro lado.

### 3. Um mergulho na AAD-69: a construção de um novo objeto

Antes de iniciar a leitura, alguns esclarecimentos se impõem:

1. Não vou fazer uma leitura linear da AAD-69 nem, tampouco, examiná-la em sua totalidade. Minha leitura vai incidir sobre a primeira parte desse livro, com o propósito de acompanhar as ideias e leituras mobilizadas por Pêcheux para realizar o trabalho teórico de demarcação de seu objeto, ainda por formular, dos demais objetos já instituídos e reconhecidos nos campos dos estudos linguísticos e da linguagem, por um lado, e, por outro, observar o trabalho teórico empreendido para formular o novo objeto objeto - o *discurso*;

2. em função de meu objetivo, não vou trabalhar com a segunda parte de AAD-69, dedicada à apresentação do dispositivo, ainda provisório, de *análise automática do discurso*;

3. vou trabalhar com a AAD-69 a partir da primeira edição da tradução brasileira, publicada no livro organizado por Gadet e Hak

*Por uma análise automática do discurso*, de 1990. Em função disso, não vou datar as citações, pois todas foram extraídas da mesma edição.

O que me move neste trabalho é, pois, a observação do duplo movimento teórico de Pêcheux, tal como explicitado mais acima.

### 3.1. Dos resíduos saussurianos ao esboço de um novo objeto

Antes de iniciar, cabe um esclarecimento: não vou fazer uma leitura do *Curso* de Saussure, mas acompanhar a leitura que dele foi feita por Pêcheux. Em função disso, as citações saussurianas serão aquelas feitas por Pêcheux e referenciadas a partir de suas ocorrências em AAD-69.

Chama a atenção de imediato o modo como Pêcheux inicia a AAD-69, pois, já na segunda linha da primeira página (p.61), o autor refere-se ao *Curso de Linguística Geral*. Tal fato determinou meu primeiro *ponto de observação*: acompanhar a leitura que Pêcheux produziu em torno das noções formuladas por Ferdinand de Saussure nessa obra.

Em 1916, 53 anos antes da publicação de AAD-69, outro livro fundador vinha a público: o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure<sup>1</sup>. E, com ele, surgia o estabelecimento de um objeto teórico e científico para o núcleo duro da linguística: a *língua*. Por conseguinte, esse livro constituiu um marco teórico que viria separar os estudos linguísticos em antes e depois de Saussure.

Portanto, se este livro representou um marco teórico-fundador para a Linguística e o estabelecimento de seu objeto científico de estudo, nada mais natural, necessário mesmo, que Pêcheux se voltasse para essa obra para examinar algumas das noções que nela foram formuladas e, sobretudo, para refletir sobre as implicações teóricas que delas adviriam.

Por outro lado, é importante deixar claro que a preocupação teórica de Pêcheux era o *discurso* e não as categorias saussurianas, porém, para esboçar as propriedades teóricas do objeto *discurso*, necessitava passar pelas noções de *langue e parole*, ou, como as conhecemos em português, *língua e fala*. Foi sobre esse par opositivo que Pêcheux se debruçou inicialmente e este é o *primeiro fio teórico* que vou acompanhar, a seguir, em minha leitura da AAD-69.

A *PARTE I* da AAD-69 abre-se com o título *Análise de conteúdo e teoria do discurso* (p.61). Por conseguinte, pode-se supor que o autor vai comparar os princípios e procedimentos de ambas. No entanto, se, por um lado, já havia uma metodologia conhecida como Análise de Conteúdo, bastante utilizada para analisar textos das áreas de Ciências Humanas e Sociais, por outro lado, ainda não tinha sido formulada uma teoria da Análise do Discurso. Isso permite depreender, então, que essa seção vai contrastar o modo de funcionamento da análise de conteúdo para demarcá-la da teoria que o autor está vislumbrando formular. E, efetivamente, a seguir, são apresentadas várias abordagens teóricas da categoria *texto*.

Esse modo de dar início a sua reflexão dá a ver, desde o princípio e em primeiro lugar, que o objeto que está em seu horizonte possui em comum com a categoria *texto* sua *dimensão*, superior a da frase e, em segundo lugar, que esse objeto não se confunde com o que se entendia por texto nem com os métodos da análise de conteúdo.

E, já na segunda página, Pêcheux apresenta uma síntese de parte da reflexão dispersa ao longo do *Curso* sobre um ponto extremamente fundamental, decorrente da passagem da noção de *função* para a de *funcionamento*:

a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um *sistema*, deixa de ser compreendida como tendo a *função de exprimir sentido*; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento* (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.62). (Destaques do autor).

Como se vê, Pêcheux enfoca, desde o início, uma questão que é imprescindível para a teorização do objeto *discurso* que está começando a esboçar: o *sentido*. Assim procedendo, aponta igualmente que a teoria que pretende formular deve levar em conta o *sentido* e não o *conteúdo*.

Pode-se, neste ponto, fazer um *primeiro levantamento das propriedades do objeto* que está no horizonte teórico de Pêcheux: assemelha-se ao texto por sua extensão. E, ao indicar que a língua como sistema deixa de exprimir sentido, aponta duas outras propriedades que vão reter igualmente sua atenção - esse objeto se constitui linguisticamente e produz sentido.

Mais adiante, neste mesmo segundo parágrafo situado à p. 62, Pêcheux enumera algumas formulações saussurianas que serão importantes para contrastar o objeto da Linguística - a *língua* - com o objeto da Análise do Discurso que está sendo delineado:

o que funciona é a *língua*, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições [...] cujos mecanismos são de dimensão inferior ao texto (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.62). (Os destaques são do autor).

Assim, se a língua saussuriana produz combinações linguísticas de dimensão inferior ao texto, pode-se inferir igualmente que essa concepção de *língua* não será capaz de produzir texto nem, tampouco, *discurso*. Eis aí mais um traço do novo objeto: o *discurso* possui dimensão superior à frase e é tecido com a *língua*, a qual se distingue daquela que é objeto de estudo da Linguística.

Ainda neste mesmo parágrafo, Pêcheux continua sua leitura do *Curso* com base nas formulações saussurianas que seguem: “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1. o que é social do que é individual; 2. o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental” (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.62). Donde, conclui Pêcheux, “A *língua*, como objeto da ciência, se opõe à fala, como resíduo não-científico da análise” (*id. ibid.*). (Os destaques são meus).

Saussure, ao delimitar a noção de *língua*, separa a *língua* da *fala* e, com esta separação, acaba por dela retirar também o *sujeito*, pois em sua concepção sistêmica de língua não há lugar para o sujeito e sua atividade linguageira. Assim, o sujeito, para Saussure, atua na fala, e, portanto, é exterior ao sistema. Eis aí mais um descarte teórico saussuriano que vai interessar a Pêcheux, pois a produção do discurso e do sentido resultam exatamente do trabalho discursivo do sujeito.

De tudo quanto precede, percebe-se que Pêcheux estava montando seu objeto a partir de uma leitura crítica do corte epistemológico produzido por Saussure e dos argumentos teóricos que sustentaram a “higienização” de seu objeto *língua*. Saussure buscava uma língua asséptica, sem contato com a exterioridade e cuja existência era psíquica. Já Pêcheux visava a um objeto diferente, dotado de materialidade linguística, produzido pelo sujeito sem, entretanto, identificá-lo com a fala saussuriana, como ver-se-á, a seguir.

Assim, o objeto *discurso* pode ser visto, nesse primeiro momento, como *o avesso do objeto concebido por Saussure: superior à frase, é linguisticamente formulado pelo sujeito e produz sentido*. Ou seja, pode-se mesmo dizer que *um é o que o outro não é*, sem querer fazer nenhum trocadilho com a noção de valor saussuriano. Por outro lado, a fala tampouco equivale ao discurso, embora ambas as noções convoquem a atividade do sujeito.

Esse modo de construir o objeto *discurso* foi considerado por muitos linguistas como uma crítica às formulações saussurianas, produzindo muita agitação nas redes discursivas dos estudos linguísticos. De fato, foi uma leitura crítica, entretanto, não se trata de uma crítica pela crítica, mas de uma interlocução teórica destinada a por em relevo a empreitada científica que Saussure realizou e a apurar o custo teórico que o linguista precisou pagar para definir seu objeto. Pêcheux tomou os elementos residuais de Saussure, não com o objetivo de falsificar sua teoria, mas por perceber que estes são essenciais para configurar *um outro objeto, o discurso*.

Dito ainda de outro modo: Pêcheux recolhe inicialmente o que Saussure descartou e com esses rejeitos produz uma *colagem provisória e bastante vaga ainda*, mas já possível de nela perceber o esboço inicial de seu *objeto*. Por outro lado, é preciso salientar que essa colagem foi apenas *o ponto de partida para evidenciar a necessidade de um novo objeto*, com propriedades distintas. E a noção de *discurso*, uma vez teorizada, não vai se confundir com a colagem provisória configurada acima, como será visto na próxima seção, pois, como afirma Pêcheux em sua Conclusão Provisória da AAD-69,

*ler um texto científico é referi-lo àquilo de que ele se separa [...] [pois] a prática da análise precisa da evidenciação daquilo que [...] produz um descompasso, uma diferença assinalável [...] em relação a um processo de produção (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.150). (Os destaques são meus).*

E foi com *esses descompassos e essas diferenças assinaláveis* que acompanhamos ao longo dessa seção, que Pêcheux demarcou-se do *objeto saussuriano*, a língua, já plenamente estabelecido e aceito no campo dos estudos linguísticos, para dar início à formulação do objeto *discurso*.

### 3.2. Do esboço ao início de uma teorização

Meu segundo ponto de observação se situa à seção *II - Orientações conceptuais para uma teoria do discurso* (p.69), onde Pêcheux inicia um primeiro gesto de teorização.

Nas páginas iniciais dessa seção, Pêcheux lê alguns teóricos pós-saussurianos dos anos 50-60. Aí situa-se o *segundo fio teórico* que vou destacar e acompanhar. Trata-se de uma passagem do texto *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*<sup>2</sup> de Jakobson, o qual também será citado a partir da leitura feita por Pêcheux.

É interessante examinar a reflexão desse linguista, pois ele não acompanhou plenamente o pensamento saussuriano, o que é absolutamente compreensível, dado que o texto em questão foi publicado 40 anos após o *Curso*. Ou seja, Jakobson nesse intervalo de tempo certamente leu outros autores como Bakhtin e Benveniste, por exemplo, o que explica que seu entendimento não coincida totalmente com o de Saussure. Enquanto as combinações saussurianas tinham como limite a frase, Jakobson acompanha e concorda com os postulados do *Curso*. Entretanto, a partir do momento em que esse linguista passa a refletir sobre “*a combinação das frases em enunciados*” (JAKOBSON, *apud* PÊCHEUX, 1990 [1969], p.72), ele demarca seu pensamento em relação ao de Saussure, apontando que, nesse estágio, “*a ação das regras coercitivas da sintaxe pára e a liberdade do locutor aumenta substancialmente*” (*id. ibid.*).

Jakobson refere-se claramente a *extensões que ultrapassam a frase* e passa a designá-las de *enunciados* e, ao mesmo tempo, aponta que eles são o resultado da *atividade de um locutor*. Assim, reflete sobre a *língua posta em uso por um locutor* que, ao produzir seus enunciados, goza de uma *liberdade que escapa às regras coercitivas da sintaxe*.

No meu entendimento, porém, é a partir das páginas 74-75 que Pêcheux começa a se descolar tanto de Saussure, deixando de esboçar seu objeto como o avesso do objeto saussuriano, quanto dos linguistas pós-saussurianos, e principia um primeiro gesto de teorização de seu objeto, o *discurso*. É o que se pode constatar a partir da citação que segue:



Propomos designar por meio do termo *processo de produção* o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso dado em “circunstâncias” dadas.

Resulta do que precede que o estudo dos processos discursivos supõe duas ordens de pesquisas:

- o estudo das variações específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas aos processos de produção particulares considerados sobre o “fundo invariante” da língua (essencialmente a sintaxe como fonte de coerções universais).
- O estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso - que chamaremos daqui em diante de suas *condições de produção* - e seu processo de produção [...] (Pêcheux, 1990 [1969], p. 74-5). (Os destaques são do autor).

Nessa longa citação, ao introduzir a noção de *processo discursivo*, percebe-se a presença de saberes alheios ao campo linguístico. Trata-se de um objeto produzido linguisticamente e, por conseguinte, afetado pelas regras coercitivas da sintaxe, como diria Jakobson, mas, ao mesmo tempo, essas regras não são plenamente coercitivas, pois esse objeto é afetado pelas *condições de produção*. Ou seja: ao introduzir as *condições de produção*, Pêcheux desprende-se de Saussure e dos demais linguistas pós-saussurianos, indo além.

É verdade que *processo de produção*, *processo discursivo* e *condições de produção* ainda carecem de uma teorização mais aprofundada, mas essas noções, ao serem mobilizadas, dão uma *feição própria* ao objeto *discurso*<sup>3</sup>.

A noção de *processo discursivo* é fundamental para sinalizar que não há superposição com a categoria *texto*, nem tampouco se confunde com o que Jakobson referiu ao mencionar “a combinação das frases em enunciados”. A noção de *processo* explicita a *especificidade do discurso*: trata-se de um *processo* que não se caracteriza pela finitude, bem ao contrário. Tampouco se assemelha com a noção saussuriana de fala (à qual o sujeito foi relegado por Saussure). Ao mesmo tempo, ao mobilizar o *processo de produção*, Pêcheux deixa implícita a presença da *atividade linguageira do sujeito*, responsável pela *produção discursiva*. Por fim, a noção de *condições de produção* aponta que o *processo de produção* não se limita ao linguístico, pois a ele estarão relacionadas as *circunstâncias*

daquela produção, isto é, o *contexto* em que essa produção foi realizada. Um *processo discursivo*, ou seja, um *discurso*, nas palavras de Pêcheux,

é tomado [...] como uma *parte de um mecanismo em funcionamento*, isto é, como *pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais*, mas que derivam da estrutura de uma *ideologia política*, correspondendo, pois, a um certo *lugar* no interior de uma *formação social dada*.

Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção dadas* (PÊCHEUX, 1990 [1969], p. 76-7). (Destques são meus).

Se o *processo discursivo* não se inscreve nem em *normas individuais* nem em *normas universais*, podemos inferir que as normas que o afetam são *específicas* e essa *especificidade deriva de uma ideologia política*, retomando as palavras de Pêcheux, que decorre de um determinado *lugar inscrito em uma formação social dada*.

Como pode-se perceber, entram explicitamente postas as noções de *ideologia*, de *lugar* e de *formação social*, mesmo que não teorizadas. Ou seja, questões provenientes do campo do materialismo histórico passam a ser mobilizadas para a formulação teórica do objeto *discurso*. E são essas propriedades que determinarão esse novo objeto. Dito de outra forma: o objeto *discurso* sofre coerções, não apenas as provenientes da sintaxe, mas aquelas decorrentes do enquadramento teórico que acaba de ser exposto. E um pouco adiante, Pêcheux explicita essa questão:

*Fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento*, mas com a condição de acrescentar imediatamente que este *funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo* e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto do discurso, mecanismo que chamamos “*condições de produção*” do discurso (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.78). (Destques são do autor).

Ou, como a epígrafe deste trabalho já sinalizava:

É impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesmo, mas é necessário *referi-lo ao conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.79).

Vale dizer: um discurso não tem início nele mesmo, mas se refere/dialoga/polemiza com discursos já produzidos e aponta para um possível futuro *processo discursivo* e suas *relações de sentido*. E mais: se um discurso é produzido a partir de uma *ideologia política*, ele reflete uma “relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado” (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.77).

Nessas formulações, percebe-se que, para teorizar seu objeto, Pêcheux procede a uma *mudança de terreno*, de tal sorte que o objeto *discurso* situa-se num enquadramento teórico que mobiliza saberes ressignificados da linguística e os associa a saberes provenientes do materialismo histórico. Esse novo objeto foi forjado no *entremeio* (ORLANDI, 1996, p. 23) desses dois campos de conhecimento. É essa relação que torna o objeto *discurso* não inteiramente linguístico, pois envolve também noções que são alheias à linguística. De modo que, para alcançar o *funcionamento discursivo*, é preciso passar inicialmente pela *materialidade linguística do discurso*.

Essa *mudança de terreno* constituiu mais um ponto nodal em torno do qual houve muita discussão. A resistência à mobilização de saberes do materialismo histórico foi muito intensa e provocou muita polêmica.

A seguir, minha leitura me conduziu à p.81, onde encontra-se meu *próximo ponto de observação*. Nele, Pêcheux vai retomar dois outros elementos que entraram em seu esboço inicial: *sujeito e sentido*. Para tanto, retorna a Jakobson e a seu *esquema informacional*<sup>4</sup>, formulado por Jakobson no texto *Linguística e poética*, de 1960, 44 anos após a publicação do *Curso*.

Entendo este *esquema informacional* como uma reteorização do *circuito da fala* proposto por Saussure, a partir do qual Jakobson demarca com clareza seu pensamento do de Saussure. Já Pêcheux, por

sua vez, vai reler Jakobson em busca dos “protagonistas do discurso” e, para tanto, vai promover outros deslocamentos.

O que vai me interessar nesse novo *fio teórico* é a releitura feita por Pêcheux, ao cabo da qual promoveu reteorizações essenciais para a formulação das noções de *sujeito*, *sentido* e *discurso*, descoladas, agora, tanto de Saussure quanto de Jakobson.

Não vou me ocupar da íntegra desse esquema informacional. Dele interessa-me inicialmente a releitura que Pêcheux produziu para *remetente* e *destinatário*, renomeando-os respectivamente *A* e *B* e, logo a seguir, a releitura da noção de *mensagem*.

Início com os interlocutores. Ao substituir o par *remetente e destinatário* por *A* e *B*, Pêcheux elimina qualquer identificação com possíveis características de um sujeito individual e empírico. Ou seja: o *indivíduo empírico sai de cena* e, em seu lugar, entra o *lugar social*, pois o que interessa a Pêcheux é o fato de que “*A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social*” (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.82). Trata-se de um deslocamento teórico fundamental, pois *A* e *B* designam *lugares historicamente determinados, situados na estrutura social, não guardando nenhuma semelhança com os locutores de Jakobson*.

Dito de outra forma: essa reformulação *desloca a inter-relação empírica de pessoa a pessoa para a inter-relação entre diferentes lugares sociais existentes em uma formação social dada*, isto é, estabelece “relações entre as forças produtivas e as relações de produção” (INDURSKY, 2014, p.114) e é com esses lugares que os interlocutores discursivos se identificam e, a partir deles, se inter-relacionam.

Embora Pêcheux não esteja trazendo a noção de ideologia para refletir sobre os lugares *A* e *B*, esses lugares são apresentados como historicamente determinados e assim marcam o posicionamento teórico de Pêcheux, o qual vai distanciá-lo das teorias da enunciação e das teorias linguísticas de comunicação.

Este deslocamento colocou Pêcheux em condições de dar início a uma reflexão teórica sobre o *sujeito da análise do discurso*, o qual não se confunde nem com o indivíduo empírico da *fala saussuriana*, nem com o sujeito da enunciação de Benveniste, nem tampouco com o remetente e o destinatário de Jakobson. Reflexão essa aqui esboçada, foi desenvolvida a partir de seus trabalhos seguintes.

Em trabalho anterior (INDURSKY, 2014), tratando dessa reescrita do esquema informacional de Jakobson, sustento que essa *substituição do indivíduo pelo lugar social* tem sido tomada como *sintoma da morte do sujeito* por alguns linguistas, críticos da Análise do Discurso. Essa crítica, entretanto, não procede e decorre de uma má interpretação. Senão vejamos: o indivíduo está lá, mas o que interessa a Pêcheux *não é o indivíduo empírico, mas o lugar social com o qual esse indivíduo se identifica e através do qual se constitui em sujeito de seu discurso*. Caso contrário, voltaria a ser o indivíduo do qual Saussure se desvencilhou.

A seguir, Pêcheux toma a noção de *mensagem*, mas *não assume* uma concepção de língua que suporte *operações de codificação/decodificação de mensagens* que o remetente envia ao destinatário. Em função disso, substitui *mensagem* por *discurso* (PÊCHEUX, 1990 [1969], p.82.), esclarecendo que “*não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B*” (PÊCHEUX, *id.ibid.*).

Nesse passo, não só a noção de *discurso* é inserida na reflexão como também a de *efeito de sentidos* entre A e B. Ou seja: Pêcheux traz mais uma formulação para o que entende por *discurso* e, ao mesmo tempo, retoma a noção de *sentido*, recuperada entre os elementos descartados por Saussure, e a reteroriza. Não é mais possível pensar em transmissão de informação, pois isso conduz a uma concepção de sentido prévio, estabilizado, sem ambiguidade. No novo enquadramento teórico, *não se trata* do envio de uma mensagem, mas de *efeito de sentidos trocados entre A e B*.

Dito diferentemente: entre esses *lugares sociais há um intervalo que vai além do espaço físico*. Ou seja: A e B são lugares que não implicam a presença física dos interlocutores que com eles se identificam. Mas não só. Esse intervalo é marcado pela *ideologia política* a que se referiu Pêcheux, a qual pode determinar *efeito de sentidos não-coincidentes*. Nada garante, pois, que o *efeito de sentido* produzido pelo sujeito situado em A, vai produzir o mesmo *efeito de sentido* ao chegar ao lugar social B. E isso em função de que os sentidos não existem a priori, nem, tampouco, a língua é transparente. Vale dizer que *o discurso produz relações de sentido*, mas não garante nem transparência, nem transmissão fidedigna de sentido. A relação

entre *A* e *B* é tão somente da ordem de *efeitos de sentido*. E Pêcheux acrescenta mais um elemento que vai intervir nessas trocas entre *A* e *B*:

o que funciona nos processos é *uma série de formações imaginárias* que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (Pêcheux, 1990 [1969], p. 82). (O destaque é meu).

Mais adiante, Pêcheux esclarece que essas *formações imaginárias* decorrem “de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção)” os quais estão na origem de “‘tomadas de posição’ que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco”. De modo que *tais formações imaginárias “são sempre atravessadas pelo ‘já ouvido’ e o ‘já dito’* através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (PECHEUX, 1990 [1969], p.85). (O destaque é meu).

Como pode-se ver, há na formulação de *formações imaginárias* o embrião de várias noções que seriam desenvolvidas teoricamente em *Semântica e Discurso*. Dentre elas, destaco *tomadas de posição do sujeito, pré-construído, interdiscurso, inconsciente*. Aqui, elas entram de forma ainda muito intuitiva. Faltava o trabalho de teorização.

Da mesma forma, o *referente* de que trata o discurso trocado entre os lugares sociais *A* e *B* também é atravessado pelas formações imaginárias, constituindo-se em um “*objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito)* e não a realidade física”, acrescenta Pêcheux (1990 [1969], p.83).

As *formações imaginárias* são, pois, igualmente constitutivas das *condições de produção* do discurso e vão intervir fortemente na produção dos *efeitos de sentidos* trocados entre *A* e *B*. Dito de outra forma: tais formações imaginárias, ao atravessarem o discurso, acabam por *refletir as relações de força que se manifestam através das relações de sentido*.

As *formações imaginárias* também constituíram um ponto nodal em torno do qual muitas críticas foram tecidas e reformulações foram feitas nos textos que se seguiram. Entretanto, as *condições de*

*produção*, com todos os demais elementos que elas convocam, continuam sendo mobilizadas por muitos analistas de discurso.

#### 4. Enfim...

Pêcheux, como vimos ao longo deste artigo, resgatou elementos descartados por Saussure e os re teorizou, dando-lhes uma feição adequada ao objeto proposto, de modo que se pode depreender desse trabalho teórico que:

1. no que tange ao *sujeito do discurso*, não se trata de indivíduos concretos, mas de *lugares inscritos na estrutura social* a partir dos quais os sujeitos se identificam e formulam seu discurso. E esse sujeito não se confunde com o sujeito da fala, nem com o sujeito da enunciação;

2. *discurso* não se confunde com *texto* por ser um *processo discursivo*, sem finitude. Tampouco se superpõe à fala nem equivale a uma mensagem trocada entre indivíduos;

3. a troca entre *A* e *B* não consiste na transmissão de *um sentido*, mas na produção de *efeito de sentidos* entre esses lugares da formação social, pois nada garante que a interpretação feita em *A* seja idêntica à interpretação produzida em *B*, pois trata-se de lugares determinados historicamente e situados em uma formação social dada. *O discurso é efeito de sentidos entre os lugares sociais A e B*;

4. o discurso é tecido pela língua, mas não é um objeto inteiramente linguístico, pois também sofre determinações provenientes de suas *condições de produção*, ou seja, a exterioridade é constitutiva desse novo objeto de análise.

Assim, com essas reformulações e teorizações, Pêcheux concebeu um novo objeto, o *discurso*. Com a AAD-69, buscou lançar as bases de uma *teoria materialista do discurso e do sujeito*.

O caminho que empreendi ao longo desse artigo visou a observar o percurso trilhado por Pêcheux nesse livro inaugural. No meu ponto de vista, a AAD-69 não formulou uma Teoria da Análise do Discurso, pelo menos não um quadro teórico completo. Muito ainda restava por elaborar e muito haveria ainda de ser retomado e reformulado, posteriormente. Mas entendo que *o trabalho fundamental realizado nessa obra consistiu essencialmente em configurar um novo objeto, o discurso*. É aí que reside o *valor substantivo* dessa obra: ao conceber esse novo objeto, a AAD-69 se constituiu em um *discurso fundador*. E

o trabalho de formulação/reformulação/teorização da *teoria materialista da análise do discurso e do sujeito* seria feito sobretudo em seu próximo livro, *Semântica e Discurso*<sup>5</sup>.

Antes, porém, de colocar um ponto final no presente artigo, lanço um breve olhar ao estado atual da arte, no que se refere ao objeto *discurso* nos dois lados do Atlântico.

A *mudança de terreno* que sinalizei anteriormente constituiu, como disse, o ponto mais polêmico em torno do novo objeto. Mais especificamente: a resistência se constituiu em torno da mobilização de saberes do materialismo histórico. Ela foi muito intensa e provocou muita discussão.

Posteriormente, com o desaparecimento de Michel Pêcheux, em 1983, o objeto *discurso* sofreu transformações radicais que o higienizaram de suas relações “espúrias” com o campo do materialismo histórico e, por conseguinte, com a ideologia, e, dessa forma, o domesticaram. Em nossos dias, na França, fala-se em *discurso*, mas esse objeto está naturalizado e pertence a um quadro teórico bem diverso daquele em que foi concebido, em 1969.

Já do lado de cá do Atlântico, a referida mudança de terreno inicialmente provocou forte rejeição por parte dos linguistas. Entretanto, o objeto *discurso* resistiu bravamente às investidas e permanece com *praticamente* todas as propriedades essenciais com que foi inicialmente idealizado. Digo praticamente, porque, hoje, no Brasil, no âmbito da teoria da Análise do Discurso, o *objeto discurso* remete a uma materialidade *que pode ser linguística*, mas não obrigatoriamente, pois o *discurso* pode se manifestar através de outras formas materiais.

Por outro lado, diria que esse *objeto* e suas propriedades convivem muito bem ao lado dos demais objetos que constituem o campo dos Estudos da Linguagem. E a Análise do Discurso, hoje, no Brasil, apresenta uma trajetória pujante e uma produção teórica forte e consistente.

### Referências Bibliográficas

INDURSKY, F. (2014). “A interlocução discursiva urbana”. In: TFOUNI, L.V.; MARTHA, D. J. B. (Orgs.) *O (in)esperado de Jakobson*. Campinas: Mercado de Letras. p.107-131.



- JAKOBSON, R. ([1960]1969). *Linguística e comunicação*. Trad.: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- ORLANDI, E.P. (1996). *Interpretação*; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes.
- PÊCHEUX, M. ([1969] 1990). “Análise automática do discurso (AAD-69)”. Trad.: Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK. T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- SAUSSURE, F. de. ([1916] 1974). *Curso de linguística geral*. 6.ed. Org.: Charles Bally e Albert Sechehaye. Pref. ed. bras.: Isaac N. Salum. Trad.: Antônio Chelini; Paulo Paes; Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

**Palavras-chave:** Objeto de análise, Discurso, Discurso fundador.

**Keywords:** *Object of analysis, Discourse, Foundational discourse.*

## Notas

\* É licenciada em Letras pela UFRGS (1965). Possui Licence en Lettres - Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Besançon (1967); Maîtrise en Lettres - Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Besançon (1970). Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Estadual de Campinas (1992). Professora Titular, aposentada, atua, como Professora Convidada, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ministrando disciplinas e orientando mestrandos e doutorandos cujos projetos se inscrevem na Linha de Pesquisa Análises Textuais e Discursivas, onde sua pesquisa também está inscrita. Publica em periódicos científicos nacionais e internacionais. Autora e organizadora de vários livros e capítulos de livros.

<sup>1</sup> Este livro é uma obra póstuma, composta a partir das anotações feitas por Saussure para ministrar diferentes cursos de Linguística, por dois de seus discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye.

<sup>2</sup> *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, foi publicado originalmente em 1956. No Brasil, foi publicado no Livro *Linguística e Comunicação*, em 1960.

<sup>3</sup> Digo *feição própria* porque essa noção também estava sendo mobilizada por outros linguistas, como Benveniste, por exemplo, sem, entretanto, superpor-se, em função dos saberes provenientes do materialismo histórico que Pêcheux mobilizou em sua formulação.

<sup>4</sup> O texto *Linguística e poética*, de 1960, foi publicado no Brasil, no livro *Linguística e comunicação*. em 1960.

<sup>5</sup> O livro *Les vérités de la Palice*, de 1975, foi publicado no Brasil em 1988, com o título de *Semântica e Discurso*, pela Ed. da Unicamp.